

O ENSINO DA LITERATURA ENQUANTO ELEMENTO DE FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO-REFLEXIVO¹

Rosana Maria da Silva² (Licenciatura em Letras/UNIVEM)
Orientadora: Sheila Grassiela Belini³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o ensino da literatura e verificar as contribuições que este pode oferecer à formação integral do aluno. Além disso, pretende-se discutir o valor dos textos literários e, ainda, de que forma os clássicos podem atuar no desenvolvimento do senso crítico das pessoas. Machado de Assis, expoente da Literatura Brasileira e Universal, foi escolhido para compor este trabalho a fim de comprovar empiricamente que a escola e o trabalho com os cânones literários podem suscitar questões inerentes à formação de um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Palavras-chave: 1. Literatura 2. Ensino 3. Formação Integral do Homem

Abstract

TEACHING LITERATURE AS AN ELEMENT OF FORMATION OF THE CRITIC-REFLEXIVE THINKING

The current article has the aim to analyze the literature teaching and to check its contributions to the individual's full education. Besides, it is intended to discuss the importance of literary texts and, also, the way the classics can act in the development of people's critical sense. Machado de Assis, representative of Brazilian and World Literature, was chosen to take part of this work in order to empirically prove that the school and the work with the literary canons can raise issues inherent to the education of a citizen aware of his role in society.

Key-words: 1. Literature 2. Teaching 3. Individual's full education

1 Artigo resultado de Iniciação Científica realizada no ano de 2008 (UNIVEM - Marília/SP)
2 Licenciada em Letras (UNIVEM - Marília/SP) Professora. E-mail: rosana_avlis@yahoo.com.br
3 Docente do UNIVEM (Marília/SP). Docente do Serviço Social da Indústria - SESI (Assis/SP).

INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa “O ensino da literatura enquanto elemento de formação do pensamento crítico-reflexivo” tem por objetivo compreender qual a função da literatura na formação integral do aluno e no desenvolvimento da habilidade de pensar crítica e reflexivamente.

Além de sua função estética, que agrada e deleita o leitor, a Literatura, segundo Danziger e Johnson (1974),

[...] também deve conter ensinamentos; para usar os termos de Horácio, ela deve não só ser deleitosa (dulce), mas também útil (utile). [...] A concepção didática suscita a difícil questão de como a literatura pode oferecer instrução, se é que pode. Em termos muito gerais, talvez possamos dizer que, lendo as experiências por que passaram outras pessoas e, o que é mais importante, entrando em contato com as idéias e visões da vida de muitos e grandes escritores, teremos a possibilidade de ampliar nossos horizontes intelectuais e refinar nossa sensibilidade, nossa capacidade geral de percepção. (p. 232-3)

Entretanto, os referidos autores salientam que “avaliar uma obra literária pelo aperfeiçoamento que possa ou não propiciar é também outra questão, pois certamente não será essa a finalidade nem a função primária da literatura” (1974, p. 233).

Este trabalho propõe que se discuta o valor da Literatura e a influência exercida por essa modalidade artística na constituição da mentalidade e do caráter humano. Para isso, a metodologia utilizada consistiu na leitura, apreciação e análise de textos críticos acerca do assunto (uma vez que a presente pesquisa é essencialmente bibliográfica), a fim de compreender como a Literatura pode atuar sobre o indivíduo.

Num primeiro momento, serão consideradas algumas funções da Literatura e os olhares detidos sobre essa modalidade artística, vista como objeto estético, direi-

to humano, necessidade universal, agente de conhecimento, perturbação, fantasia, etc.

Posteriormente, serão feitas reflexões, questionamentos e apontamentos acerca do ensino literário, visando a obter, por meio da eficácia deste, a concretização de todos os elementos considerados humanizadores e/ou edificantes da Literatura.

O terceiro capítulo se dedicará a fazer uma breve exemplificação dos argumentos e conceitos expostos anteriormente. Para isso, foi escolhido um dos mais importantes escritores da Literatura Brasileira: Machado de Assis. Além disso, há a menção de uma matéria, publicada na Revista Nova Escola, de setembro de 2008, sobre como trabalhar contos machadianos no Ensino Fundamental.

Ao final do trabalho, serão apresentadas as considerações finais e a verificação da possibilidade de comprovação dos argumentos expostos.

I LITERATURA: DIREITO, NECESSIDADE E LIBERTAÇÃO DO HOMEM

Antes de começar a tecer as informações e os argumentos necessários ao desenvolvimento deste trabalho, é importante ressaltar as considerações do crítico literário Afrânio Coutinho, em seu ensaio “Que é Literatura e como ensiná-la?”, quanto à definição de Literatura:

A LITERATURA é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético. Às vezes ela pode servir de veículos de outros valores. Mas o seu valor e significado residem não neles, mas em outra parte, no seu aspecto estético-literário, que lhe

é comunicado pelos elementos específicos, componentes de sua estrutura, e pela finalidade precisa de despertar no leitor o tipo especial de prazer, que é o sentimento estético. O que a Literatura proporciona ao leitor, só ela o faz, e esse prazer não pode ser confundido com nenhum outro, informação, documentação, crítica. Não fora isso, não fossem a natureza específica da literatura e o prazer que dela retiramos, e as obras literárias não resistiriam ao tempo e às mudanças de civilização e cultura. (1978, p. 08)

Por fazer parte do acervo cultural humano, ativando áreas do imaginário e desempenhando funções como ensinar, denunciar, refletir e divertir, a Literatura pode cumprir um importante papel na formação do homem.

No ensaio “O direito à literatura”, o crítico Antonio Candido se refere ao literário de maneira ampla, levando em consideração

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (2004, p. 174)

Vista de forma abrangente, a Literatura surge, então, como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (2004, p. 174) e, nesse sentido, será uma necessidade universal, que deverá ser satisfeita, sob pena de mutilar a personalidade, posto que tem o poder de organizar a nossa visão de mundo, ordenando a nossa mente e, até mesmo, os nossos sentimentos. Desse modo, a literatura é tida como objeto que plasma as idéias do cotidiano e faz com que a realidade seja filtrada e, por isso, é crítica e também reflexiva.

Candido entende a literatura como sendo um direito humano, tal qual a mo-

radia, a alimentação, o vestuário, a educação, a cultura, a liberdade, a saúde, a justiça, etc. O conceito de direitos humanos pressupõe a idéia de liberdade de pensamento e de expressão e, principalmente, a igualdade perante a Lei. São princípios que devem assegurar a sobrevivência física em níveis satisfatórios e, ainda, garantir a preservação da integridade espiritual do sujeito. Tais direitos e liberdades básicos devem ser comuns a todos os seres humanos, independentemente de sua raça, cor, sexo, religião, crença, classe social, etc.

Seguindo esses princípios, o crítico anteriormente citado considera a Arte e a Literatura como bens indispensáveis à sobrevivência dos indivíduos, constituindo fator de humanização. Entende-se, aqui, por humanização,

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2004, p. 180)

A literatura traz em si fatores que enriquecem a nossa percepção e a nossa visão de mundo, na medida em que contém os valores que a sociedade divulga ou suprime. Acerca disso, Candido considera que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2004, p. 175).

A esse respeito, cabe observar que a Literatura, em geral,

[...] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida,

da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas. (2004, p. 175-6)

Mais do que uma forma de expressão do homem e da sociedade, “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Assim sendo, o conhecimento obtido por meio da leitura e da apreciação dos cânones literários estimula o pensamento e desenvolve o raciocínio, ampliando a visão de mundo do aluno, fazendo com que ele reconheça a Literatura como um elemento que faz (ou deve fazer) parte do cotidiano de cada um, pois é parte da realidade sensível e concreta da vida das pessoas, além de constituir fator de enriquecimento intelectual e cultural, uma vez que pode atuar como agente de disseminação do saber e/ou como dado que contribui para a difusão e a transmissão de valores e aspectos culturais. A propósito, Candido afirma que “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática” (2004, p. 175).

Entretanto, é importante salientar que a Literatura estabelece um compromisso restaurador (caráter transformador da atividade artística, que capta e expõe, de forma reformulada, os elementos que fazem parte de nosso cotidiano) com a Arte e, nesse sentido, deve apresentar, em

sua constituição, os princípios do Bom, do Belo e do Verdadeiro. Dessa forma, para que a assimilação do conhecimento seja possível, é necessário que o leitor esteja apto a extrair as informações e/ou noções oferecidas pela obra literária, isto é, a aquisição do saber depende do grau de comprometimento do leitor com o texto, ou seja, da forma como o sujeito lê, interpreta, compreende, analisa, compara, infere, levanta hipóteses, forma conclusões.

Tal correspondência se dá devido ao fato de a leitura não ser “muda”, ou seja, há, nesse processo, uma relação de “interação” e “troca” entre leitor e obra, independente de se tratar de imagens ou de palavra escrita. Acerca disso, Vicent Jouve afirma que “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário” (2002, p. 61) e, ainda, “toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época” (2002, p. 22).

Outro aspecto relevante da obra literária diz respeito a uma de suas funções: a “fruição do imaginário” ou “fruição estética”, por meio da qual o indivíduo é libertado, pela imaginação, de tudo aquilo que torna constrangedora e difícil a sua realidade. Para Antonio Candido, a produção e a fruição literária

[...] se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal. (1972, p. 804)

O princípio do “prazer estético” nasce a partir da visão de mundo que cada pessoa tem. Dessa forma, o aluno/leitor pode “moldar” a realidade segundo as

suas convicções, os seus ideais e a sua vivência.

Nesse processo, a Arte tem a função de transformar a realidade, e o leitor, por sua vez, torna-se um criador de mundos, sonhos, ilusões, verdades. A transfiguração do real faz com que se potencialize uma forma particular de ler o mundo ou, ainda, de dar nova feição a outra verdade. Em sua obra *A leitura e o ensino da literatura*, Regina Zilberman afirma que “o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real” (1991, p. 17). A autora observa, ainda, que dessa situação resulta

[...] um modo particular de vivenciar o real: o texto torna-se o intermediário entre o sujeito e o mundo. [...] embora a obra escrita, de um lado, signifique a possibilidade de o indivíduo se integrar ao meio e melhor compreendê-lo, de outro, ela estimula a renúncia ao contato material e concreto, denegrindo as qualidades desse, ao negar-lhe os atributos de plenitude e totalidade. Transmuta-se na mediadora entre o indivíduo e sua circunstância, e decifrá-la quer dizer tomar parte na objetividade que deu lugar à sua existência. Por isso, ler passa a significar igualmente viver a realidade por intermédio do modelo do mundo transcrito no texto. (1991, p. 18)

O universo ficcional, com o qual todo ser humano precisa entrar em contato diariamente pode ser representado por diferentes formas de fantasia ou de abstração, como, por exemplo, a leitura de um livro ou, ainda, a atenção dedicada a uma telenovela. Assim, de acordo com Candido, em *A literatura e a formação do homem*, “a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota” (1972, p. 804).

É importante ressaltar que a fantasia tem seus referenciais na realidade sensi-

vel do mundo. A esse respeito, Candido diz que “a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc” (1972, p. 804).

Dado que a Literatura tem como ponto de partida a realidade concreta do mundo, ao qual se liga inevitavelmente, é interessante observar as considerações de Antonio Candido, quando diz que

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. (1972, p. 806)

Além de atuar em nosso imaginário e nos “libertar” das “amarras” do mundo concreto, a Literatura também pode questionar esse mundo. Daí a idéia de que o texto literário pode, muitas vezes, representar um fator de perturbação e/ou inquietação psíquica. É como se o leitor fosse indagado e tivesse que se voltar para si próprio, a fim de renovar as suas percepções de mundo. Este, por sua vez, lhe é apresentado de forma fragmentada, em pequenas partículas, cabendo, pois, ao leitor dar forma e amplitude a essas frações de mundo. Reconstituir essa realidade também é reconstituir a si próprio; assim, o homem se apodera desse novo mundo e, conseqüentemente, liberta-se, estando apto a penetrar sem preconceitos na realidade ficcional, mágica, balsâmica e capaz de transmutá-lo a outros mundos e/ou estados de alma até então não imaginados.

Dessa forma, o leitor é submetido a um trabalho de reflexão e, então, é possível afirmar que a Literatura provoca algo no indivíduo, posto que exerce a função de catarse, modificando o pensamento, provocando reflexões, alterando e transformando a forma como esse homem observa a sociedade ao seu redor e como ele se posiciona perante a mesma.

Em seu ensaio “A literatura e a formação do homem”, Antonio Candido afir-

ma, ainda, que

[...] as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. [...] as camadas mais profundas de nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as histórias ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (1972, p. 805)

Tal afirmação nos leva a questionar se a literatura possui uma função formativa de tipo educacional e, quanto a isso, Candido esclarece que

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. (1972, p. 805)

Dado que a Literatura ensina como a vida, é natural que ela não funcione como uma espécie de “manual de virtudes e boa conduta”. Dessa forma, a sociedade não pode, ao menos, escolher o que lhe parece adequado para cada momento, pois “mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir” (1972, p. 805).

A partir do momento em que a obra é considerada aberta, reconhecida como de domínio público, canonizada, já não nos interessa mais questões que perpas-

sem a “crítica do gosto”, incipiente e sem grandes critérios. Já não é necessário saber por que um autor escreveu determinada obra, nem qual a sua intenção. Assim, enquanto obra aberta, não será possível encontrar um “manual de conduta” (ou de comportamento), uma vez que ela não detém uma moral específica da história, mas sim um guia subjetivo de leitura de mundo, do qual o bom leitor se apodera e lá encontra a sua moral. Essa é a razão porque uma obra pode, constantemente, ter significados múltiplos, quando nas mãos de leitores distintos em suas idéias, convicções, atitudes, experiências, etc.

O ensino da Literatura deve ser visto, então, como um elemento de formação do pensamento crítico-reflexivo, pois traz consigo uma gama de dados que nos permitem pensar sobre o “universo” a nossa volta. Para Regina Zilberman, “a própria ação de ensinar a ler e escrever leva o indivíduo a aceitar o fato de que lhe cabe assimilar os valores da sociedade” (1991, p. 18). A autora acrescenta, ainda, que

A assimilação dos valores sociais faz-se, assim, tanto de modo direto, quando a escola atua como difusora dos códigos vigentes, quanto indireto, pela absorção da escrita enquanto sistema dotado de normas já estabelecidas a que cabem obedecer. (1991, p. 19)

Logo, a importância de se ensinar Literatura nas escolas reside no desenvolvimento da habilidade de pensar crítica e reflexivamente, pois a Literatura, assim como a leitura, possui em sua essência um caráter de “**organização do pensamento**”, que, por sua vez, é capaz de levar ao exercício de um raciocínio crítico e articulado, além de implicar na capacidade do indivíduo de se comunicar (com eficácia), ou seja, de expressar os seus pensamentos, desejos, sensações, entendimento do mundo que o cerca, ideologias, crenças, emoções; enfim, a materialização e a concretização de algo que, até então, se encontrava oculto.

2 REPENSANDO O ENSINO

Este tópico se dedicará a fazer algumas reflexões, questionamentos e apontamentos quanto à abordagem do ensino literário.

No capítulo anterior tratamos, entre outras coisas, da importância da Literatura. Vimos que a Arte tem o poder de abrir a nossa mente e fazer com que ocorra o despertar da consciência, ampliando a nossa visão de mundo e, por fim, nos humanizando.

Mas, como deve ser feito o ensino da literatura para que não se perca de vista todos esses princípios?

O crítico Afrânio Coutinho analisa o ensino da literatura e observa que há várias formas de fazê-lo; todavia, duas abordagens são utilizadas com maior frequência pelos educadores: a histórica e a filológica.

Para Coutinho,

A abordagem histórica leva-nos a reduzir o ensino da literatura ao da história literária, ou seja, à exposição da ambiência histórica, social ou econômica, que teriam condicionado a produção das obras, e da vida dos autores nos seus pormenores exteriores e na sua psicologia. O ensino da literatura, consoante esse critério, passou a reduzir-se ao estudo histórico das literaturas, isto é, ao conhecimento do meio social, político, histórico, econômico e da vida dos escritores, confundindo assim o fato histórico e o fato literário, que são as obras elas próprias. O aprendizado reduzia-se, em última análise, à memorização de nomes, títulos e datas, ou a alguns pitorescos fatos biográficos. (1978, p. 10)

A respeito da segunda abordagem, Coutinho acrescenta que

A orientação filológica no ensino literário consiste em subordinar o interesse literário ao filológico, usando-se a Literatura como texto para o estudo da linguagem. Ensina-se por professores, na sua

maioria de português, de mentalidade predominantemente filológica, a Literatura é tornada um subsídio ao estudo da língua, confundindo-se análise gramatical com análise literária, análise sintática com estilística. A Literatura passa para segundo plano, pasto para análise filológico-gramatical. Se o estudo do vernáculo bem entendido deve ser feito no texto literário, ou seja, a língua no ato, o estudo literário propriamente dito se exerce num plano acima do meramente verbal. (1978, p. 10-1)

A leitura, bem como o ensino da literatura, não deve ser usada como subsídio para o ensino da língua, pois, para que os clássicos literários não percam suas propriedades, os objetivos do ensino devem estar diretamente relacionados à análise literária e as suas contribuições para a formação integral do cidadão.

Coutinho considera que o ensino da literatura deve se libertar da história e da filologia e ser substituído por uma “orientação funcional e especificadamente literária, que encare o fenômeno literário em si mesmo, através de obras, classificadas pelos gêneros e enquadradas nos estilos individuais e de época, de que foram expressão” (1978, p. 11).

Para Afrânio Coutinho, os melhores critérios a serem adotados para a abordagem do ensino da literatura são o literário e o genológico-estilístico.

A respeito da abordagem genológica, o crítico observa que, uma vez independente o ensino literário da história e da filologia, valoriza-se o método de ensino pelos gêneros.

Consiste o método em colocar o educando em contato direto, desde o início, com o texto literário, através dos gêneros. A familiaridade com a “coisa” literária faz-se muito mais organicamente assim do que pelo conhecimento abstrato da evolução histórica. Em vez de ler sobre, substituindo-se a literatura pela história, [...] o estudante lê a própria

literatura nas obras representativas dos gêneros. (1978, p. 12)

Sobre a abordagem estilística, o autor considera que as obras literárias devem ser apresentadas para estudo e análise de acordo com seus respectivos gêneros e dentro de um período estilístico.

As obras deverão ser analisadas nas suas características e evolução dentro dos estilos. Pode-se proceder à análise das formas no interior dos estilos de que são representativas. Pois elas se distinguem pelos gêneros em que assumem corpo e pelos estilos que as caracterizam (1978, p. 13-4).

Coutinho destaca que o ensino da literatura deve ser feito “no serviço da Literatura” (1978, p. 14), e que a língua deve ser apenas um instrumento e, portanto, subordinada à primeira. Heloisa Cerri Ramos, oficinista de leitura do projeto Letras de Luz, da Fundação Victor Civita, declarou à Revista Nova Escola (MOÇO, 2008) de setembro de 2008, que

Os objetivos desse tipo de leitura não devem estar atrelados ao ensino da gramática, mas aos procedimentos de análise literária, do reconhecimento da complexidade de uma publicação e da relação entre o mundo das letras e a sociedade. (p. 49)

Quanto ao papel subsidiário desempenhado pela Língua, Afrânio Coutinho tece as seguintes considerações:

Em primeiro lugar, deve servir para ensinar a leitura: leitura expressiva, leitura interpretativa, leitura dialogada. Pondo, desde o início, o aluno em contacto direto com o texto literário, fazê-lo adquirir a familiaridade com a língua e a coisa literária, levando-o a adquirir o gosto da literatura, a justa compreensão de seu

valor e significado. Que é a Literatura, para que serve, que nos proporciona? Isso é o primeiro passo do aprendizado. A leitura inteligente, e inteligentemente conduzida, tem por função justamente abrir o véu sobre esse mundo.

Em segundo lugar, deve conduzir à análise literária. Que é a análise literária? É a decomposição das obras, segundo o gênero a que pertencem, na sua estrutura, nos seus elementos componentes e distintos, com vistas à interpretação e julgamento. É, portanto, o primeiro passo do ato crítico completo. A análise literária não é apenas, nem muito menos somente, como pensam alguns, a análise estilística. Ela vai muito mais além no âmago e no arcabouço do fenômeno literário, de que o estilo é apenas a expressão ou um dos aspectos da forma. Assim, a análise literária compreende:

Análise da obra pelo gênero a que pertence, na sua estrutura, componentes, artifícios, procurando pôr em relevo os seus aspectos tradicionais e aquilo em que o autor inovou;

Análise do estilo – individual e de época – identificando-lhe as qualidades e características, as razões de sua situação e enquadramento (1978, p. 14).

Seguindo esses princípios, entende-se que, em vez de trabalhar somente com o aspecto formal das obras literárias, deve-se atentar para outros aspectos relativos ao plano de conteúdo, como, por exemplo, o aparato social, cultural e humano que cada produção apresenta.

[...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentra-

ção necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana. (1972, p. 804)

Entretanto, os aspectos formais também podem oferecer contribuições quanto à revelação das estruturas do texto literário. Alguns elementos, tais quais “o uso figurado das palavras, o ritmo, as seqüências por oposição e simetria, as repetições de palavras e sons” (MOÇO, 2008, p. 49) ajudam a analisar o texto e, até mesmo, a evidenciar questões referentes ao conteúdo. Segundo Helena Weisz, especialista em Língua Portuguesa e Literatura, há, ainda, “outros elementos que podem ser fundamentais para desvendar o texto [:] o narrador, a caracterização dos personagens, o tempo, o espaço e o tipo de discurso” (MOÇO, 2008, p. 49). Tais elementos podem ajudar o aluno “a construir um sentido e a criar hipóteses interpretativas, que precisam ser ampliadas, confirmadas ou refutadas” (MOÇO, 2008, p. 49).

O crítico Antonio Candido entende que

[...] as palavras são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedecem a certa ordem. [...] o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. (2004, p. 178)

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao ato de ler, especialmente às formas como este é trabalhado no âmbito escolar. A escritora Ana Maria Machado afirma que é inútil fazer uso de “leituras obrigatórias”, pois essa estratégia metodológica não desperta o gosto pela leitura: “tentar criar o gosto pelos livros por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer uma prova é uma maneira infalível de despertar o horror nos estudantes” (MOÇO, 2008, p. 49).

Ainda em matéria da Revista Nova Escola, de setembro de 2008, Cláudio Bazzoni, selecionador do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10, acrescenta que “para adquirir o gosto pela leitura, é fundamental que a escolha dos títulos seja adequada à fase de desenvolvimento do aluno” (p. 50). Todavia, isso não significa, na visão de Bazzoni, que “devam sempre ser apresentados exemplos simples. É saudável haver um certo estranhamento e até um descontentamento com as leituras, pois um pouco de dificuldade ajuda a formar a capacidade leitora” (p. 50).

A esse respeito, João Luís Ceccantini, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), sugere que “ao longo do ano, opções mais fáceis [sejam] intercaladas às mais refinadas para que cada um forme sua opinião sobre as histórias e com isso se posicionem criticamente frente a elas” (p. 50).

Assim, a escola tem a função de intermediar o contato do leitor com os clássicos, mas não de forma “ingênua”, apenas pedindo para que o aluno leia o livro e faça uma análise superficial. É necessário que o professor assuma a responsabilidade de conduzir os educandos a uma análise profunda, fazendo com que eles reflitam acerca da obra analisada e dos efeitos que ela pode, eventualmente, suscitar neles – esse processo deve acontecer até que os alunos adquiram autonomia crítica e consigam, então, “caminhar sozinhos”. Para desempenhar esse papel, faz-se necessário que o docente esteja preparado para lidar com questões que possam gerar discussão e/ou polêmica em sala de aula. Logo, percebe-se que a figura do professor é importante também no sentido de tentar estimular o gosto dos alunos pelo hábito de ler. Por isso, é crucial que o docente apresente a obra aos estudantes de maneira lúdica e irreverente, para que os discentes se sintam instigados a buscar maiores informações e/ou, ainda, a obra propriamente dita. Além disso, o professor deve apresentar em seu trabalho uma aparente despreensão, ou seja, oferecer literatura de boa qualidade aos alunos, mas sem criar expectativas, isto é, sem esperar que o texto literário tenha uma ação imediata sobre o aluno, uma vez que este ainda se encontra

em processo de formação e, portanto, não é possível prever de que forma e quando se dará o retorno desse contato do leitor com o texto.

Para que sejam alcançados todos os objetivos relacionados à função humanizadora da literatura (tratada no primeiro capítulo), é essencial que se repense o ensino literário, buscando, cada vez mais, o aprimoramento de técnicas e/ou metodologias, para que o estudo das letras não se transforme em uma atividade superficial, cansativa e desinteressante.

3 UM MESTRE NA ARTE DE PROPOR REFLEXÃO

A Literatura, em geral, é muito abrangente. Assim, a fim de ilustrar e definir as direções da presente pesquisa foi escolhido um dos gênios da Literatura Brasileira e Mundial: o escritor Joaquim Maria Machado de Assis.

Tal opção se deu por inúmeros motivos: pelo fato de 2008 ser o ano em que se comemora o centenário de morte do escritor; pela modernidade de seus escritos; pela genialidade e sutileza de sua linguagem, capaz de criticar e ironizar de modo perspicaz; pela sua visão aguda e penetrante da alma humana; pela brasilidade presente em suas obras por meio das personagens, dos cenários e dos acontecimentos históricos; pela universalidade dos temas; enfim, por se tratar de um dos maiores escritores da Língua Portuguesa e, principalmente, por ter sido objeto de estudo e análise de meu artigo de Iniciação Científica, intitulado “Machado de Assis: o que o faz universal sem deixar de ser brasileiro?”, produzido durante o ano letivo de 2007 e apresentado ao Núcleo de Apoio à Pesquisa e Extensão – NAPEX, do Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM.

Machado de Assis é bastante conhecido por sua biografia: autodidata, pobre, mulato, gago, epilético, neto de escravos libertos, filho de uma lavadeira e de um pintor, nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, iniciou sua carreira como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Oficial e foi capaz de chegar ao mais alto grau da sociedade burguesa carioca do século XIX, obtendo reconhecimento e admiração como escritor ainda em vida, por volta dos seus quarenta anos, quando atinge sua maturidade literária, publicando seu romance mais inovador *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Em suas obras, Machado de Assis utiliza a linguagem de forma brilhante e lapidar, exprimindo

de singularmente os seus ideais, pensamentos e valores e, ainda, fazendo uma espécie de jogo, em que se revela apenas uma parte da trama. Mas, ... e quanto a outra parte? Bem, esta é apenas sugerida por Machado, de modo que o leitor seja induzido a pensar, a completar o que está pendente no “quebra-cabeça”.

O “Bruxo do Cosme Velho” é um verdadeiro mestre na arte de propor reflexão; ele sugere em vez de dizer claramente o que pretende com sua obra ou o que espera por parte do leitor. Corroborando com tais argumentos, o crítico Roberto Schwarz afirma que “é preciso ver que Machado é um escritor totalmente artista: ele nunca diz o que “pensa”” (1982, p. 339).

No referido trabalho (“Machado de Assis: o que o faz universal sem deixar de ser brasileiro?”) foram analisados três contos machadianos: “Singular ocorrência”, “Um apólogo” e “A causa secreta”. Destes, somente o segundo será selecionado para compor o presente trabalho⁴.

Segundo Silva (2007),

O conto “Um apólogo” narra a história de uma linha e uma agulha, que discutem acerca de qual possui maior importância em suas respectivas funções.

No final da história, que se dá no momento em que a costureira/modista termina de coser o vestido de certa baronesa e que esta se prepara para ir a um baile, a linha fala para a agulha que, após o término do trabalho, é ela quem vai ao baile, “no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância” (2007, p. 366) e diz ainda que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto a agulha volta para a caixinha de costura, antes de ir para o balaio das mucamas.

No último parágrafo, encontramos um comentário profundamente irônico, típico da técnica machadiana, em que um professor de melancolia diz, “abanado a cabeça” (2007, p. 367), que também tem “servido de agulha a muita linha ordinária!” (2007, p. 367).

⁴ O fragmento referente à análise do conto “Um apólogo” se encontra no final do trabalho e corresponde ao anexo 1.

A Revista Nova Escola, do mês de setembro de 2008, fez uma reportagem sobre os clássicos de Machado de Assis, destacando a possibilidade de empregar tais textos, muitas vezes considerados difíceis e complexos, em séries iniciais. Aos professores de alunos principiantes, a Revista recomenda o trabalho com os contos do escritor, “compreensíveis por leitores de qualquer idade e com uma história bem próxima da realidade infantil” (p. 50).

A Revista mostra a experiência de uma professora, Evelim Santos, que trabalhou o conto “Um apólogo” com alunos do 5º ano do Educandário Torres Pádua, na cidade de Parati. A matéria publicada conta que, feita a opção por abordar tal conteúdo, a professora levou os alunos ao laboratório de informática e os ensinou como pesquisar aspectos biográficos de Machado de Assis na Internet. Posteriormente, ela comentou sobre a época e a sociedade do tempo do escritor, o que julgou ser muito importante para a compreensão do contexto histórico, social e cultural ao qual a narrativa se refere.

Em seguida, a docente explicou aos alunos o conceito de “apólogo” e procedeu com a leitura em voz alta do conto, destacando as palavras desconhecidas e verificando a possibilidade de apreender o significado das mesmas por meio do contexto em que estão empregadas.

Evelim ainda conversou com os alunos a respeito do enredo do conto e propôs algumas questões, visando ao exercício da reflexão dos alunos:

Por que a agulha e a linha estão disputando para ver quem é a mais importante? Qual o tema do conto? No que o autor queria fazer o leitor pensar? Será que há algo que não está escrito, mas que ele desejava que fosse compreendido? (p. 51)

É interessante ressaltar que, ao apresentar essas questões, a professora fez com que as crianças analisassem o enredo e pensassem acerca de algumas questões extratextuais, como, por exemplo, as relações de interesse entre as pessoas.

A revista traz, ainda, uma “seqüência didá-

tica” (plano de aula)⁵, com sugestões de como dar uma aula semelhante à da professora Evelim.

Para concluir, vale destacar que a proposta apresentada não possui o intuito de esgotar as possibilidades de trabalho com o texto em questão, posto que a literatura não é uma arte fechada, pronta, acabada, especialmente quando se trata de clássicos, como os do escritor Machado de Assis. Portanto, para que uma aula de literatura seja proveitosa, buscando alcançar os objetivos explanados no primeiro capítulo desta pesquisa, é necessário que o professor saiba adaptá-la ao nível de conhecimento/aprendizado dos alunos. Tanto a aula da professora Evelim, quanto a proposta trazida pela Revista Nova Escola visam à apresentação do conteúdo de forma bastante lúdica e dinâmica, pois são destinadas a alunos de séries iniciais. Caso fossem direcionadas a alunos de Ensino Médio, por exemplo, a abordagem deveria ser feita de outra forma, tentando considerar aspectos como o interesse, ou melhor, o que desperta o interesse de jovens desta faixa etária, entre outras coisas. Percebe-se, enfim, que a figura do professor nesse processo é extremamente importante, pois dele dependerá o sucesso ou o fracasso dos métodos empregados e, conseqüentemente, da aula em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que a pesquisa realizada não tem a pretensão de dar “fórmulas” ou “receitas” acerca das metodologias que podem ser empregadas no ensino literário, e sim de apontar alguns aspectos inerentes a esse processo e que, devido a sua importância, não devem ser proscritos.

Os argumentos expostos ao longo do trabalho comprovaram a relevância da Literatura na vida do homem em sociedade e o quão prejudicial pode ser a falta ou, ainda, o mau uso dessa Arte, capaz de modificar o pensamento, a personalidade e, por conseguinte, o próprio modo de viver do indivíduo.

Observando a Literatura como um modo de fazer Arte, deve-se considerar que a mesma é um bem necessário e um direito que deve ser preservado a fim de garantir o desenvolvimento integral do homem e da sociedade.

5 O material corresponde ao anexo 2.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. "Um apólogo". In: _____. **50 contos**: Machado de Assis; seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.365-67.

BELINI, Sheila. **A sátira em Mortalhas de Emílio de Menezes**. Londrina: 2005.

BOSI, Alfredo. Et. al. Mesa-Redonda. In: _____. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982. p. 310-43.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. **Ciência e cultura**. SBPC, 1972. v.24. n.9.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 13-32.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-91.

COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. In: _____. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8-15.

DANZIGER, Marlies K. & JOHNSON, W. Stacy. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. Tradução Álvaro Cabral, com a colaboração de Catarina T. Feldmann. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 229-36.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.

MOÇO, Anderson. Machado, um clássico para todos. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 215, p.46-53, set. 2008.

SILVA, Rosana Maria da. **Machado de Assis: o que o faz universal sem deixar de ser brasileiro?**. Marília: 2007. Iniciação Científica – Centro Universitário Eurípides de Marília, Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, Marília, 2007.

ZILBERMAN, Regina. A formação do leitor.

In: _____. **A leitura e o ensino da literatura**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 15-20.

ANEXO I Análise do conto “Um apólogo”

Alegoria crítica em pleno Brasil do século XIX

O conto “Um apólogo” narra a história de uma linha e uma agulha, que discutem acerca de qual das duas possui maior importância em suas respectivas funções.

No final da história, que se dá no momento em que a costureira/modista termina de coser o vestido de certa baronesa e que esta se prepara para ir a um baile, a linha fala para a agulha que, após o término do trabalho, é ela quem vai ao baile, “no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância” (2007, p. 366) e diz ainda que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto a agulha volta para a caixinha de costura, antes de ir para o balaio das mucamas.

No último parágrafo, encontramos um comentário profundamente irônico, típico da técnica machadiana, em que um professor de melancolia diz, “abanado a cabeça” (2007, p. 367), que também tem “servido de agulha a muita linha ordinária!” (2007, p. 367).

É interessante observar que Machado de Assis escolhe “personagens banais” para ser o foco da narrativa. No entanto, essas “personagens banais” servem para representar uma grande metáfora, ou seja, numa análise psicológica dessas personagens, podemos pensar que se trata, na verdade, de “figuras” para explorar e analisar o caráter humano, que é universal, e ainda apresentar a formação de um pensamento nacional.

É importante destacar, ainda, a necessidade de hierarquizar socialmente para assim encontrarmos certo “valor social”, isto é, algum “peso” na sociedade – caráter brasileiro, segundo o qual somos reconhecidos pelo sobrenome, pela linhagem familiar (herança européia - burguesia castiça).

Enquanto a agulha simboliza a melancolia daqueles que servem de escada para os outros subirem na vida, a linha representa aqueles que se beneficiam com o

trabalho alheio.

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados... (2007, p. 365).

(...) um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: - Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela (linha) e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico (2007, p. 366-7).

Pensando nisso, encontramos nesse conto, características marcantes do escritor Machado de Assis, como: o egoísmo, o pessimismo, o negativismo, a análise da sociedade e do caráter humano, assim como a ironia social e a crítica aos seus valores.

Logo que ele (Machado de Assis) chegou à maturidade, pela altura dos quarenta anos, talvez o que primeiro tenha chamado a atenção foram a sua ironia e o seu estilo, concebido como “boa linguagem”. Um dependia do outro, está claro, e a palavra que melhor os reúne para a crítica do tempo talvez seja finura. Ironia fina, estilo refinado, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente. A isto se associava uma idéia geral de urbanidade amena, de discrição e reserva. Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar. A seu respeito, evocava-se Almeida Garrett, que foi, com efeito, um dos mestres da sua escrita

– cujo leve ranço arcaico paga o tributo ao casticismo dos povos coloniais. No fim da sua vida, os leitores sublinhavam também o pessimismo, o grande desencanto que emana das suas histórias. O de que não há dúvida é que essas primeiras gerações encontravam nele uma “filosofia” bastante ácida para dar impressão de ousadia, mas expressa de um modo elegante e comedido, que tranquilizava e fazia da sua leitura uma experiência agradável e sem maiores conseqüências. Poder-se-ia dizer que ele lisonjeava o público mediano, inclusive os críticos, dando-lhes o sentimento de que eram inteligentes a preço módico. O seu gosto pelas sentenças morais, herdado dos franceses dos séculos clássicos e da leitura da Bíblia, levava-o a compor fórmulas lapidares, que se destacavam do contexto e corriam o seu destino próprio, difundindo uma idéia algo fácil de sabedoria (CANDIDO, 1977, p. 18-9).

No momento final da narrativa (“-Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”), Machado de Assis expõe um comentário que nos remete a uma filosofia extremamente pessimista dos valores humanos. Dessa forma, o “Bruxo do Cosme Velho” nos revela o **tema** do oportunismo e, por meio dele, a **moral da história** que, na verdade, é nada mais do que uma crítica às pessoas que se aproveitam dos outros para progredirem na vida ou apenas se valorizarem sobre aqueles que são vistos como “pequenos” ou “inferiores”.

É dessa forma que Machado de Assis trabalha brilhantemente em sua obra, escrita num período (República, mais especificamente República Velha) em que muitas “agulhas” abriram caminho para muitas “linhas ordinárias”.

Nesse momento histórico do nosso país, as elites tradicionais do Império tentavam se manter no poder e tornaram-se alvos de duros golpes oriundos dos partidários do novo regime. Com o advento da

República, surge uma nova classe: a burguesia urbana, composta por homens intelectualizados que se autodenominavam “civilizados”. A nova burguesia entra em choque com a aristocracia rural.

O Rio de Janeiro se moderniza e, junto com ele, também se transformam as mentalidades da época, que seguem o estilo europeu. Tal transformação se deu segundo quatro princípios básicos no pensamento dominante:

1º) condenação dos hábitos e costumes ligados ao Império, pois o imperialismo era visto como um período de atraso e estagnação em relação à modernidade proposta pelos republicanos;

2º) negação e condenação total dos costumes populares, uma vez que a identificação da presença do dado popular na cultura carioca comprometeria a imagem do Rio de Janeiro como representação de cidade moderna e cosmopolita;

3º) expulsão da camada da população de baixa renda para os subúrbios da cidade, porque as áreas centrais da capital carioca estavam destinadas aos aburguesados;

4º) presença, necessária e extremamente bem-vinda, do cosmopolitismo agressivo muito bem identificado com a vida parisiense (BELINI, 2005, p. 9-10).

Observa-se, por conseguinte, que Assis deixa claro no texto a presença de uma monarquia: a figura da baronesa representa muito bem esse pensamento castiço, assim como a agulha. Dessa forma, a linha, na reflexão da agulha, sugere o advindo da República. Entretanto, há uma luta de valores morais, uma oposição de costumes e hábitos agora manifestados como os de outrora. Do mesmo modo que os republicanos repudiavam a representação de um pensar atrasado, simbolizado pelas figuras do Império, os imperialistas também condenavam o estilo cosmopolita exemplificado pelos participantes da Velha República.

Os primeiros consideravam que os segundos não possuíam educação/ “berço” e que se firmaram na sociedade a custa do trabalho mundano; já os republicanos observavam os imperialistas como aproveitadores do trabalho alheio, esbanjadores e sem uma preocupação para com a sociedade.

Sabe-se que esses fatos influíram decisivamente no ânimo do escritor brasileiro, pois este foi um tempo propício àqueles que não hesitavam em usar quem lhes fosse útil para ascender na política ou na vida privada. Dessa forma, Machado de Assis faz uma crítica brasileira à Velha República e utiliza a prosopopéia para ilustrar e/ou representar a universalidade desta obra, que, mais uma vez, nos revelará as obscuridades do comportamento humano.

compreensão do contexto social ao qual a história se refere.

Evelim escolheu o conto *Um Apólogo* (leia uma seqüência didática sobre ele no quadro ao lado). Apólogo é uma narrativa cheia de lições morais e éticas, muito próxima à da fábula, com a personificação de seres inanimados. A narrativa de Machado trata de uma discussão entre uma agulha e uma linha usadas na costura de um belo vestido de festa para saber quem é a mais importante. Primeiro, foi feita a leitura. Depois, a professora conversou com a garotada sobre o enredo. Por que a agulha e a linha estão disputando para ver quem é a mais importante? Qual o tema do conto? No que o autor queria fazer o leitor pensar? Será que há algo que não está escrito, mas que ele desejava que fosse compreendido? As hipóteses interpretativas foram apresentadas e coube a Evelim ajudar cada um a argumentar com seus pontos de vista e estimular a percepção do enredo.

Em seguida, ela pediu que as palavras desconhecidas fossem destacadas e os seus significados inferidos com base no contexto. O próximo passo foi realizar uma leitura compartilhada, comentando os pontos mais relevantes da história. Como atividade, Evelim propôs um debate sobre quem era mais importante: a linha ou a agulha. "Procurei não interferir muito, deixando que todos argumentassem. A conclusão foi que cada uma tinha o seu valor", explica. Textos desse nível sem- ➤

Será que um alfinete pode ascender socialmente? Passear na cabeça de uma senhora elegante é mais digno do que na de uma mucama? Essas são algumas das questões levantadas no conto *História Comum* – presente no livro *O Tesouro das Virtudes para Crianças 2* –, que inspira discussões sobre valores sociais. A história serve como mote para a discussão dos tipos de narrador.

Seqüência didática *Um Apólogo*

OBJETIVO

- Ampliação da capacidade de análise literária.

CONTEÚDOS

- Leitura e compreensão do texto *Um Apólogo*, de Machado de Assis.

ANOS 4º e 5º.

TEMPO ESTIMADO 12 aulas.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Cópias de *Um Apólogo* para todos.
- Livros e sites de História sobre o Rio de Janeiro do século 19.
- Caixa de costura com agulha, linha e alfinete e um pedaço de tecido.

DESENVOLVIMENTO

1ª ETAPA

Peça que os alunos citem escritores. Se Machado não for lembrado, diga que ele é o principal escritor brasileiro e que será estudado.

2ª ETAPA

Reúna revistas, filmes, imagens e objetos representativos do século 19 e obras de Machado, criando um ambiente literário. Divida a classe em grupos, que pesquisarão: o Brasil do século 19, gravuras do Rio de Janeiro, biografia do escritor e relação de obras. O material comporá um painel.

3ª ETAPA

Apresente o texto *Um Apólogo* e esclareça que apólogo é uma narrativa curta e, como a fábula, tem uma moral. Deixe a caixa de costura à vista. Pergunte às crianças se elas sabem quem serão os personagens da história. Dobre o tecido, prenda-o com o alfinete, enfie a linha na agulha e costure. Questione a função da agulha, da

linha e do alfinete.

Pergunte quem cada um preferiria ser – a agulha ou a linha – e por quê.

4ª ETAPA

Faça a leitura coletiva, ajudando os alunos a descobrir (pelo contexto) o significado de termos desconhecidos sem usar o dicionário. Peça que observem os argumentos da linha e da agulha e como cada um deles, apesar de válido, logo é derrubado.

5ª ETAPA

Inicie a análise do texto. Auxilie a turma a perceber os elementos da narrativa. Quem são os personagens? Em que lugar a história se passa? No texto, quem é mais importante no trabalho de costura: a agulha ou a linha? Por quê? As respostas devem ser justificadas com trechos do texto.

6ª ETAPA

O alfinete é o porta-voz da moral da história. Discuta sobre ela com os estudantes: existem pessoas que ajudam outras, abrindo caminhos. Mas, conquistada uma vitória, quem se beneficia é aquela que foi ajudada. Pergunte o que eles pensam sobre isso. Trabalhe os conceitos de arrogância e o de humilhação, citando a arrogância da agulha e depois a humilhação pela qual teve de passar.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a compreensão e a visão crítica do texto, peça que a turma faça a leitura dramatizada dele e que cada aluno escreva um apólogo.

CONSULTORIA Heloisa Cerrí Ramos, oficina de leitura do projeto Letras de Luz, da Fundação Victor Civita.

MAIS NO SITE
Versão da seqüência sobre *Um Apólogo* com orientações mais detalhadas.
www.novaescola.org.br